

ENTRE O SANGUE E AS LETRAS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente
EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial
ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO
EDUARDO GUIMARÃES

Ernesto Sabato

ENTRE O SANGUE
E AS LETRAS
Conversas com Carlos Catania

Tradução, prefácio e notas

João-Francisco Duarte Jr.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

Sa13e Sabato, Ernesto R. 1911-2011
Entre o sangue e as letras: conversas com Carlos Catania / Ernesto Sabato; tradução, prefácio e notas: João-Francisco Duarte Jr. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Catania, Carlos – Crítica e interpretação. 2. Literatura argentina – História e crítica. 3. Arte e educação. 4. Linguística. I. Duarte Jr., João-Francisco, 1953- I. Título.

CDD 868.9932

707

ISBN 978-85-268-1286-4

410

Índices para catálogo sistemático:

1. Catania, Carlos – Crítica e interpretação	868.9932
2. Literatura argentina – História e crítica	868.9932
3. Arte e educação	707
4. Linguística	410

Título Original: *Entre la letra y la sangre: conversaciones con Carlos Catania*.
Primeira edição, Buenos Aires, 1988, Editorial Planeta Argentina S.A.I.C. (selo Seix Barral).

Copyright © Herederos de Ernesto Sabato
c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S.L.
www.schavelzongraham.com

Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

“[...] longe de se apartar da vida, submergiu nela; não foi pusilânime e aceitou todas as responsabilidades possíveis. O que queria era a totalidade; combateu a separação entre razão e sensualidade, entre sentimento e vontade...; fez-se a si mesmo.”

(Nietzsche, *O crepúsculo dos ídolos*,
a propósito de Goethe)

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
INTRODUÇÃO	23
PRIMEIRA JORNADA: ENCRUZILHADAS E ALTAS TORRES.....	27
SEGUNDA JORNADA: SOBRE PINTURA E ARTE EM GERAL	43
TERCEIRA JORNADA: GRAMÁTICA E POLÍCIA. ESTRUTURALISMO. O CASTELHANO DA AMÉRICA	65
QUARTA JORNADA: MAIS SOBRE LINGUÍSTICA.....	83
QUINTA JORNADA: CEGUEIRA E PREMONIÇÕES. SONHOS E VATICÍNIOS. AS PROFECIAS DOS POETAS	93
SEXTA JORNADA: RELATIVIDADE DOS VALORES ESTÉTICOS	115
SÉTIMA JORNADA: ACERCA DA EDUCAÇÃO.....	129
OITAVA JORNADA: EDUCAÇÃO E DITADURAS. ESPERANÇA, DESESPERANÇA. SARTRE-BERDIAEFF. REBELIÃO DA JUVENTUDE	153

NONA JORNADA: O ENIGMA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA. ROMANCE TOTAL. ORIGINALIDADE. ESCRITORES PREFERIDOS. TRADUÇÕES. A CRÍTICA. A CENSURA. METAFÍSICA DO TANGO	171
DÉCIMA JORNADA: DITADURAS E LIBERDADE	203
DÉCIMA PRIMEIRA JORNADA: A OBRA	217
ÍNDICE ONOMÁSTICO	241
ÍNDICE TEMÁTICO	245
OBRAS MENCIONADAS	251

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Sabato e Catania: Conversações, histórias, reflexões

Hesito, reluto, resisto, mas, por fim, não evito e acedo: estas páginas introdutórias serão mesmo escritas em primeira pessoa. O que há de fazer jus à história e à obra de Ernesto Sabato, à influência que tiveram sobre o meu próprio percurso e, especialmente – por sua forma e conteúdo –, a este livro, um de seus poucos textos ainda não publicados em língua portuguesa. Assim como Sabato deixou de lado a procura de verdades circunscritas ao âmbito da ciência, trocando-a pelo ingente esforço de tentar alcançar um conhecimento de maior abrangência (ainda que mais difuso) por meio dos instrumentos da ficção e da arte, a opção aqui foi colocar à parte o tom acadêmico e deixar fluir a personalidade inerente a uma apresentação lastreada no saber sensível desde sempre proporcionado pela leitura de seus trabalhos.

Há pouco mais de 30 anos, lendo quase em sequência seus três únicos romances publicados – já que Sabato queimou as demais obras de ficção que produziu –, deixei-me fascinar pelos intimoratos mergulhos que ele realizava nas profundezas da alma humana, fosse em seus recônditos mais obscuros e escondos, fosse nas iluminadas regiões do afeto e da solidariedade. Valendo-se, para tal, de personagens fincadas em nosso tempo e irmanadas a nós pela história maior deste continente sul-americano, a qual, mesmo que num eco tão distante quanto a radiação cósmica original, de certo modo nos faz imersos num único e indistinto caldo de cultura. Desde um artista plástico enlouquecido que mata a mulher amada, um jovem angustiado e sem perspectiva que ouve Beatles, e ainda algumas figuras heroicas da história da Argentina, chega-se aos tangos de letras pungentes e existenciais citados em certas passagens das tramas e à lápide do próprio escritor em um cemitério portenho, num percurso deveras dolorido, porém pejado de esperança, embora esta se apresente como não mais do que uma pequena luz bruxuleante em meio às trevas que intentam tomar o universo humano. Definitivamente, Sabato é um romancista denso e profundo, sem valer-se, no entanto, de formas herméticas ou complicadas na tessitura de suas páginas.

Concomitantemente à leitura dessas obras ficcionais, a descoberta, *grosso modo*, de sua biografia, na qual se destacava o fato de ele, um físico respeitado pelos seus pares, haver abandonado em definitivo a pesquisa científica para se dedicar de forma integral à criação literária, estimulou a busca de seus motivos, os quais se encontravam – ainda que não de maneira explícita – refletidos e esmiuçados em seus dois livros “teóricos” então à disposição do público brasileiro. Compostos ambos de breves textos em que essencialmente se

discute a procura humana do conhecimento – vale dizer, de um sentido para a existência – com toda a carga de medo, angústia, hesitações e certezas vãs dela derivada, a reflexão que permitiam iluminava muitas de minhas inquietações e gerava em mim um sentimento de identidade com esse homem que ousava proclamar as manifestações artísticas como a forma de saber mais completa e importante para a vida que nos foi dada viver. Naqueles concisos ensaios, alguns deles compostos de apenas um parágrafo, não só encontrava a confirmação de muitas ideias que vinha ruminando, como a correção de algumas outras e a descoberta de diversos autores, notadamente filósofos e romancistas, que ajudavam a aprofundar a consideração da arte como conhecimento.

Aliás, “a arte como conhecimento” é justamente o título de um desses pequenos textos, o qual, tão só numa página, sintetiza argumentos e reflexões comparativas entre a ciência e a arte para concluir que

[...] se com a inteligência apenas não podemos sequer assegurar-nos de que o mundo exterior existe, tal como o demonstrou o bispo Berkeley, que podemos esperar quanto aos problemas que se referem ao homem e suas paixões? E a menos que neguemos realidade a um amor ou a uma loucura, devemos concluir que o conhecimento de vastos territórios da realidade está reservado à arte e somente a ela.

Desnecessário assinalar que tal síntese passou a me acompanhar e a participar de inúmeras aulas e palestras desde então, em geral como ponto de partida e sólido apoio para reflexões e argumentações ulteriores.

Algum tempo depois, quando ainda não se contava com esse magnífico instrumento de pesquisa que é a internet, à cata de outras obras de Sabato, encontro, numa livraria de Buenos Aires, mais dois trabalhos não ficcionais seus, trazi-

dos na bagagem e devorados ávida e rapidamente. No primeiro me deparo, sincronicamente, com acuradas reflexões acerca do tema que na época vinha me ocupando, a modernidade enquanto instauradora de uma forma de conhecimento peculiar da realidade, centrada no método e no pensamento científico, o que tornava a ciência o conhecimento por excelência, em detrimento de todos os outros. Intentando traduzir o livro, interessei uma editora em sua publicação, porém acordos editoriais anteriores afastaram de mim o trabalho, o qual acabou sendo publicado sob a assinatura de outro tradutor. E foi por isto, para não enfrentar novamente a frustração de ver um projeto baldado, que a presente obra repousou durante mais de 20 anos em minha estante, período em que novos escritos do autor foram traduzidos e editados no Brasil.

Após a morte de Sabato, aos 99 anos, em 2011 (a menos de dois meses de se tornar centenário), e depois de aguardar mais algum tempo pelo arrefecimento das celebrações de sua obra e de sua vida, parecia ter chegado, enfim, o momento de verter para o português estas páginas que, de certa maneira, constituem um apanhado e uma síntese reflexiva de sua vida e de seu trabalho até então – quando o livro foi publicado, em 1988, ele contava com 77 anos de idade.

Carlos Catania, 20 anos mais moço do que Sabato, também argentino e escritor, além de ator e diretor teatral, conheceu-o pessoalmente na juventude, em seguida (e devido) à publicação de seu primeiro livro, de contos. Fizeram-se amigos e, mesmo nos dois decênios em que Catania morou na Costa Rica, onde trabalhou com cinema, televisão e teatro, chegando a ser diretor da Faculdade de Belas Artes da Universidade Nacional, nunca deixaram de manter contato. De volta à Argentina, na segunda metade dos anos 1980 e já tendo publicada a biografia *Genio y figura de Ernesto Sabato*,

propôs ao amigo a realização de uma longa entrevista na qual sua vida, sua obra e seu pensamento sobre múltiplos temas fossem abordados com suas próprias palavras. Deste modo nasceu este volume, em cujas páginas são transcritos os diálogos mantidos pelos dois ao longo de 11 encontros, realizados a maioria na casa de Sabato, mas também num hotel, num café e nas ruas de Buenos Aires, o que empresta mais vitalidade ao texto, o qual registra alguns encontros rápidos e fortuitos com habitantes da cidade, como o jovem motorista de táxi que os conduz e posteriormente confessa a Catania sua admiração por Sabato e o fato de haver lido quase todas as suas publicações. Ocorrência que diz muito não apenas do nível cultural e político do povo daquele país, como também da admiração pelo escritor nutrida por grande parte da população.

E o grau de politização do argentino médio foi assinalado no último parágrafo devido precisamente ao fato de a popularidade do autor haver aumentado bastante nos anos anteriores à realização desses encontros, quando, após a queda da ditadura militar e a redemocratização da Argentina, este presidiu a famosa Comissão Nacional de Desaparecidos (Conadep), encarregada de pesquisar e relatar as violações contra os direitos humanos durante o período ditatorial, num árduo e doloroso trabalho investigativo que redundou na obra *Nunca mais*, em que são registrados os abusos praticados contra milhares de cidadãos e arrolados tanto os nomes das vítimas quanto o da maioria dos militares responsáveis por eles, bem como de seus esbirros e asseclas de ocasião.

Portanto, em sendo o entrevistador não apenas um amigo de longa data do entrevistado, mas ainda um leitor sistemático e conhecedor de sua obra, além de ombrear com ele o ofício das letras, o que se tem aqui transcende as fronteiras

daquilo que se poderia considerar uma entrevista padrão. Trata-se, na verdade, de um extenso diálogo, mesmo que Sabato esteja colocado no centro da discussão e caibam a ele as largas reflexões e perorações sobre os mais variados temas, sugeridos por Catania ou surgidos de modo derivativo ao longo das conversações. O admirável, no entanto, é que, por mais desvios ou caminhos paralelos tomados durante essa ampla conversa, verifica-se nela uma sequência lógica e até cronológica, uma ordenação dos assuntos de maneira a construir um encadeamento de raciocínios que evidenciam o cerne do pensamento do escritor, sintetizam suas opiniões acerca da vida e de si mesmo e revelam detalhes de seu psiquismo e seu processo de criação.

Assim é que, no primeiro encontro, o ponto de partida não poderia ser outro senão o relato de Sabato sobre a sua infância, a relação com os pais e irmãos, os anos de escola elementar e sua descoberta da matemática e da literatura. E como para aquele menino, de certa forma já angustiado com a existência, o mundo ideal da geometria e dos números parecia um porto seguro onde se refugiar das agruras e incertezas cotidianas. Deste modo, foi carregando essa espécie de tábua de salvação que ele se tornou adulto e fez da matemática e da física, em que se doutorou, a esfera de sua primeira atuação profissional. Mas em Paris, onde morava então, manteve estreita convivência com literatos e artistas, notadamente os pertencentes ao grupo surrealista, em plena evidência naquela altura. Para quem já havia se desencantado com as ideias e a forma de atuação do Partido Comunista, a que pertenceu por pouco tempo, abandonando-o depois de chegar a participar de um congresso na União Soviética, a crise subsequente o faria questionar se a estreita especialização do conhecimento científico lhe permitiria articular as indaga-

ções mais profundas acerca da existência humana, a sua própria incluída. Escolheu então abandonar a segurança de um emprego num centro de pesquisas ou universidade de renome para realizar um salto no escuro: dedicar-se inteiramente à literatura e aos ensaios de caráter filosófico.

E, de passagem, cabe notar que, com a enfermidade que já acometia os olhos de Sabato quando se deram os encontros deste livro, e que acabaria levando-o à cegueira quase total, este se voltara para a pintura, uma de suas paixões da juventude, passando a produzir grandes quadros, de tonalidades escuras e tendências nitidamente expressionistas. A pintura consiste então no tema inicial da segunda jornada dos presentes diálogos, a partir do qual a discussão se estende para a arte em geral e as questões filosóficas e estéticas a ela conexas, as quais retornarão mais à frente, noutra conversação, como tema central.

Supérfluo e redundante citar aqui, encontro a encontro, seus tópicos nucleares e predominantes, mesmo porque eles se encontram resumidos em subtítulos na abertura de cada capítulo (ou jornada) e devidamente anotados no índice geral desta obra. Contudo, convém mencionar rapidamente alguns assuntos que parecem caros a Sabato, bem como suas opiniões básicas a respeito deles, muitas das quais enfática e intransigentemente defendidas por ele nestas páginas e ao longo de sua vida. Como é o caso de seu rechaço à ideia de se poder constatar uma evolução das artes no decorrer da história humana. Ao contrário do que se dá com a ciência, que efetivamente evolui em abrangência, profundidade e espectro do conhecimento obtido, para o escritor, ainda que haja um aperfeiçoamento das técnicas e dos instrumentos artísticos, o que sucede na arte é tão somente a alternância de estilos e formas de significação, numa constante tentativa de esmiuçar e

deslindar os mistérios, conflitos e ambiguidades de nossa existência, que continuam os mesmos desde as cavernas. Não se pode nunca considerar Picasso superior a Rembrandt simplesmente por ser-lhe pósteros, ou que Proust seja “mais evoluído” do que Cervantes dados os séculos que os separam, assim como os casos de Bach e Beethoven ou de Ibsen e Eugene O’Neal, por exemplo. (Sendo este o motivo preciso pelo qual sempre me causou desconforto e perplexidade a existência de uma disciplina denominada “evolução das artes visuais” na grade curricular de muitos cursos de arte brasileiros.)

Mudando de assunto, das amplas explicações e argumentações encetadas por Sabato acerca da linguagem, esse elemento constitutivo do humano, bem como dos idiomas que foram se formando, se modificando e exercendo influências uns sobre os outros no decurso da história, há que destacar sua aversão e seu veemente repúdio aos “policiais da língua”, aquelas pretensas autoridades que, munidas de suas gramáticas e códigos, ao pretender reger e fiscalizar o bom uso da língua não fazem mais do que negar seu inerente processo de formação e transformação, bem como obstar, reprimir e coartar atividades criativas e inovadoras, que frequentemente consistem em transgressões dos padrões estabelecidos. Em suas palavras,

[...] os gramáticos temem a desordem idiomática como a polícia de há alguns anos temia uma manifestação política. Haveria que perguntar [...] quando foi que os idiomas transformaram-se mediante harmoniosos convênios com a polícia gramatical. [...] Bem arrumados estaríamos se a profundidade de uma criação literária dependesse de pequenas variações de léxico ou de fonética. Neste caso estaria mais apta para escrever uma obra-prima qualquer professorinha de castelhano que saiba de cor todas as normas e proibições das gramáticas do que Miguel Hernández.

Mutatis mutandis, semelhante opinião tem o autor sobre a educação, seja em seus níveis mais elementares, seja nos superiores. Também no seu âmbito o pedagogismo, ou o excesso de normas, de currículos imensos e programas pré-fabricados, afasta o aprendiz de si mesmo, do encontro de seus próprios mecanismos de reflexão e descoberta, conduzindo-o ao mecânico exercício da memorização, atividade essa desprovida de qualquer sentido pessoal. Coisa que, no limite, pode até fazer dele um especialista, um *expert* numa pequena fração da realidade, mas jamais alguém dotado de sabedoria e que se mostre uma pessoa culta. E por isso Sabato assevera:

[...] como afirmou, creio que Max Scheler, uma pessoa culta é alguém que esqueceu a erudição. Vê-se que este é um dos principais defeitos da educação, não só aqui na Argentina, mas em quase todos os países e, sem dúvida, na Espanha e na América Latina. Pretende-se ensinar tudo, com o resultado de ao final não sabermos quase nada e, sobretudo, não o sabermos de uma maneira útil para a formação disso que normalmente se chama de cultura, que não tem nada a ver com a memória, nem com entupir-se de dados, cifras, datas e miligramas.

Desta forma, para ele,

[...] é bom lembrar que “educar” significa desenvolver, realizar aquilo que existe potencialmente na criança, fazer crescer o germe que ela traz em seu espírito, fazendo com que chegue a procriar. O labor do mestre, tal como o via Sócrates, consistia bem mais no de uma parteira do que no de um fabricante. E como o mestre suscita tal processo? Promovendo o assombro ante os profundos e misteriosos problemas que a realidade exhibe. Por menos que se considere, *tudo é assombroso*.

Perceba-se, pois, que o conteúdo dessas elaboradas respostas de Sabato às perguntas e aos questionamentos realizados por Catania exhibe um caráter eminentemente atemporal, na medida em que diz respeito a questões de ordem filosófica e a problemas existenciais suscitados desde sempre pelas ações do ser humano na construção de seu universo de sentido. É evidente, porém, que o diálogo se dá num momento histórico determinado, e isto condiciona a percepção de mundo, os raciocínios e exemplificações do autor no que tange a muitas de suas análises, em especial na esfera geopolítica. Está-se, ali, num tempo em que ainda a União Soviética existia, a delimitação entre esquerda e direita era bem mais nítida e no planeta abundavam, muito mais que hoje e em particular na chamada América Latina, ditaduras de diversos calibres e matizes ideológicos. As quais, no entanto, recebem a acerba e indistinta condenação do autor, lastreada em sua intransigente posição a favor das liberdades individuais e do direito à livre expressão, bem como em sua crença num sistema judicial em que a ampla e irrestrita prerrogativa da defesa seja facultada a todo e qualquer cidadão.

E foi assim, emitindo tais opiniões de maneira franca e desabrida e colocando-se contra totalitarismos de estado ou vigentes em instituições menores, bem como em diferentes práticas cotidianas, que Sabato acabou granjeando a animosidade de diversos críticos, significativamente situados num ou noutro extremo do espectro político. Inúmeras foram as ocasiões nas quais seu julgamento ou consideração acerca de determinado fato ou situação gerou, ao mesmo tempo, oposições e críticas da esquerda e da direita argentinas. O que me parece dizer muito a seu favor, sobretudo da independência de pensamento desse homem que, mesmo nos tempos sombrios do totalitarismo militar em seu país natal, não se deixou

calar e sistematicamente colocou sua pena a serviço dos direitos democráticos da população, nunca subordinando suas ideias a qualquer sistema ideológico adrede estabelecido.

Seu trabalho de escritor, aliás, ocupa boa parcela das respostas e reflexões presentes nestas páginas. E, ainda que o tema do último encontro deste livro seja justamente a obra de Sabato, no decorrer de quase todas as jornadas ele não se furta de comentar como encara esse ofício, bem como as dúvidas, os medos, as angústias e as depressões que o seu exercício costumeiramente lhe acarretava. Em relação à própria obra o escritor sabiamente não se põe nunca a explicá-la ou a analisá-la, mantendo-se firme na posição quanto à impossibilidade de “traduzir” uma obra de arte em conceitos lógico-racionais ou achar-lhe explicações outras que não as que já se encontrem em si mesmas, em sua própria configuração expressiva. Esse papel de exegeta, no diálogo, cabe, de modo praticamente exclusivo, a Catania, que frequentemente faz interpretações acerca de situações ou de personagens dos romances do autor, o qual se limita a ouvi-lo, a tecer um ou outro comentário breve ou a repetir ser aquela tão só uma interpretação dentre inúmeras outras possíveis.

Todavia, são pungentes as revelações de Sabato sobre como encarava e vivia o ato de escrever. O qual lhe era, segundo suas próprias palavras, “uma condenação”, um trabalho árduo e sofrido, sistematicamente vivido como um desprazer, nunca como oportunidade para a alegria e o júbilo. Consistindo-lhe, tal ofício, bem mais numa visita aos seus círculos infernais interiores do que no exercício folgazão de uma atividade lúdica e prazenteira. Ao que se seguiam avaliações duríssimas quanto à qualidade do que havia produzido, as quais o levaram em muitas ocasiões a queimar o trabalho recém-terminado, só não o fazendo determinadas vezes por

intervenção direta de sua esposa Matilde, a qual surge em vários momentos ao longo dessas jornadas, seja em comentários e considerações de ambos os escritores, seja pessoalmente em rápidas aparições.

É preciso, pois, enfatizar esse dado tão importante e que afasta o autor em definitivo da esfera daqueles escritores tão cheios de si e munidos em tempo integral da certeza de quão importante é o fruto de seu ofício, bem como de sua intrínseca qualidade: Sabato sempre esteve transpassado pela dúvida quanto ao valor daquilo que produzia, o que, de par com sua algo pessimista visão de mundo, frequentemente o atirava a estados depressivos de árdua superação, superação que ele, no entanto, sempre logrou alcançar. E, como se reafirmasse para si mesmo, num dos diálogos deste texto deixa enfaticamente assinalado que “esta consiste numa das maiores calamidades da arte: jamais se poder estar seguro da excelência daquilo que se faz. E assim o criador passa das mais poderosas exaltações às mais horríveis depressões, nas quais tudo aquilo que fez se lhe afigura um lixo irrecuperável”. Ao que retruca Catania: “Não lhe parece que isso ocorre com todos os artistas? Pense em Flaubert”. Seguindo-se, quase à guisa de consolação, a resposta: “Penso que sim, com todos, ainda que alguns dissimulem seus altos e baixos. No entanto, ao pensar que isso aconteceu com escritores como Flaubert, Conrad e Dostoiévski, a pessoa pode ficar mais tranquila”.

Eis, portanto, disposta nas páginas precedentes, a síntese de alguns motivos pelos quais a leitura de Sabato e, particularmente, do presente livro continua a se mostrar fundamental não apenas para a descoberta sensível dos meandros do psiquismo e do comportamento humanos, mas também para a reflexão acerca dos processos de que nos valemos em nosso afã de construir o conhecimento e encontrar sentidos para a